

Cacau

Maria de Fatima Vidal

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural
Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE
Banco do Nordeste do Brasil
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: A produção mundial de cacau está concentrada nos países da África Ocidental. O Brasil responde por uma pequena parcela da produção e do comércio global do produto; no entanto, destaca-se por abranger todos os elos da cadeia, incluindo produção, moagem e indústria chocolateira. Em 2025, o enfraquecimento da demanda, aliado ao aumento da produção, contribuiu para a queda dos preços do cacau, após uma escalada histórica provocada por safras consecutivas insuficientes para atender à demanda. Para 2026, há elevada incerteza quanto aos preços, em razão dos potenciais impactos negativos do El Niño sobre a produção mundial. No Brasil, a produção de cacau está concentrada no sul da Bahia, com predominância de pequenos produtores que empregam baixo nível de tecnologia e são tomadores de preço. Contudo, observa-se uma tendência de expansão do cultivo em áreas não tradicionais, onde a cultura é conduzida com maior emprego de tecnologia. Os principais desafios do setor estão relacionados à melhoria da eficiência produtiva, à qualidade das amêndoas, à rastreabilidade, à sustentabilidade e à rentabilidade do produtor.

Palavras-chave: Nordeste, cacau, produção, mercado.

1 Cenário Global para Produção de Cacau

A Costa do Marfim é o maior produtor mundial de cacau, respondendo por aproximadamente 37% da produção global. O governo do país tem incentivado a expansão do processamento doméstico e estabeleceu a meta de processar localmente até 50% da produção nacional até a safra 2027/28 e 100% até 2030 (USDA, 2026). Entretanto, o setor enfrenta diversos desafios, como baixa qualidade dos grãos, atrasos nas entregas, presença de comércio informal das amêndoas e baixa produtividade, decorrente do envelhecimento dos plantios e da incidência de pragas. As crescentes exigências por sustentabilidade intensificam esses desafios. Como forma de incentivar as vendas por canais oficiais, o governo elevou os preços ao produtor na safra 2025/26 (USDA, 2026).

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogerio Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allisson David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Wendell Márcio Araújo Carneiro (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

Gana é o segundo maior produtor global de cacau; no entanto, nas últimas safras, a produção tem apresentado tendência de queda. Para a safra 2025/26, espera-se uma recuperação, apoiada em previsões climáticas favoráveis e melhoria no manejo (USDA, 2025). O cacau é uma das principais fontes de receita do governo e contribui significativamente para o Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Nesse contexto, o setor recebe apoio governamental por meio de subsídios e outros incentivos (USDA, 2025). O país possui capacidade instalada de moagem e processamento de 504.780 toneladas. No entanto, há elevada ociosidade, decorrente do fornecimento irregular e insuficiente de matéria-prima para atender, simultaneamente, às exportações e à indústria processadora local. Além disso, em períodos de cotações internacionais baixas, a política de preços fixos do governo, pode inviabilizar a compra do grão no mercado interno (USDA, 2025).

O Equador é o terceiro maior produtor mundial de cacau e o maior produtor global de cacau fino de aroma. De acordo com Santos et al. (2019), no comércio internacional, o cacau é classificado em função das características organolépticas (aroma e sabor), sendo dividido em três categorias: 1) Cacau commodity (bulk ou cacau não aromático), corresponde ao cacau padrão, com preço definido nas bolsas de Nova Iorque ou Londres. Representa aproximadamente 95% do mercado global. 2) Cacau fino de aroma (flavor), distingue-se pela presença de aromas e sabores especiais, sendo destinado a nichos de mercado e comercializado a preços superiores ao cacau bulk; 3) Cacaos especiais, incluem produtos certificados (orgânico, fair trade/comércio justo e sustentável). O cacau é um dos produtos mais relevantes para a geração de renda e divisas no Equador. No entanto, a produtividade obtida pelos pequenos produtores é baixa, em função do envelhecimento dos plantios, da limitada assistência técnica, do acesso desigual a insumos e do uso restrito de material vegetal certificado. Grande parte da produção de amêndoa é destinada à exportação, enquanto a capacidade de moagem e processamento no país permanece limitada (MAG, 2026). Para mudar este cenário, o governo equatoriano tem implementado programas de renovação e recuperação de plantações, que incluem a distribuição de material vegetal certificado, kits tecnológicos e insumos. Além disso, vêm sendo ampliados os serviços de extensão rural e os programas de capacitação. Essas iniciativas, direcionadas principalmente aos pequenos produtores, que constituem a maioria no país, aliadas à expansão do cultivo de clones de alta produtividade, frequentemente conduzidos a pleno sol e com maior emprego de tecnologia, têm contribuído para o aumento da produção de cacau no Equador. Nesse contexto, há expectativa de que o país possa ultrapassar Gana e tornar-se o segundo maior produtor mundial (MAG, 2026). Em 2024, o faturamento com as exportações de amêndoas de cacau no mundo alcançou aproximadamente US\$ 19,5 bilhões, enquanto os dos produtos do cacau somaram US\$ 26,8 bilhões. Esses valores representaram crescimentos de 95% e 89% respectivamente, em relação a 2023, impulsionados pela forte alta dos preços do cacau em 2024 (FAO, 2026). Para 2025, é esperada um comportamento inverso nas exportações de cacau e seus produtos, uma vez que o choque de preços observado em 2024 reduziu a demanda por chocolate. Diante desse cenário, fabricantes de doces passaram a usar substitutos mais baratos, resultando em retração da moagem de cacau em diversas regiões do mundo.

A Costa do Marfim é o maior exportador global de amêndoas de cacau, respondendo por 20,5% do mercado mundial, tendo a União Europeia, em especial, os Países Baixos como principal destino. A União Europeia se destacando como um dos principais polos de processamento de amêndoas de cacau, reexportando derivados de cacau com maior valor agregado. Em 2024, o bloco respondeu por 53,9% do volume global das importações de amêndoas de cacau. Nesse mesmo ano, foi responsável por 43,5% do volume e 51,9% do valor das exportações mundiais de produtos do cacau (Tabelas 1 e 2).

É importante ressaltar que a União Europeia proíbe a entrada, em seu território, de produtos que tenham sido produzidos em áreas desmatadas após 31/12/2020. O regulamento sobre produtos livres de desmatamento da União Europeia (EUDR) aplica-se a produtos como cacau, soja, café, madeira, borracha, carne bovina e óleo de palma, e deverá ser implementado em 30 de dezembro de 2026 para empresas de médio e grande porte, e em 30 de junho de 2027 para micro e pequenas empresas (COMISSÃO EUROPEIA, 2025). Além disso, órgãos reguladores em diferentes países, adotam diretrizes rigorosas para o controle de contaminantes inorgânicos em alimentos, a exemplo do cádmio e chumbo, no cacau e produtos do cacau.

A União Europeia também concentra grande parte das importações mundiais de produtos de cacau. No entanto, isoladamente, os Estados Unidos configuram-se como o principal mercado para produtos de cacau no mundo, tendo respondido por 10,9% do valor das importações em 2024 (Tabela 2). A participação do Brasil, tanto no mercado de amêndoas quanto de produtos do cacau é baixa.

Tabela 1 – Maiores exportadores mundiais de cacau e seus produtos em 2024

Países	Amêndoas				Países	Produtos do cacau*			
	Ton.	Part (%)	1000 US\$	Part (%)		Ton.	Part (%)	1000 US\$	Part (%)
Costa do Marfim	1.059.795	28,6	3.993.573	20,5	Países Baixos	867.289	22,8	7.216.321	26,9
Equador	398.427	10,8	3.107.800	15,9	Alemanha	358.466	9,4	3.089.816	11,5
Nigéria	377.182	10,2	2.084.665	10,7	Costa do Marfim	560.902	14,7	2.920.496	10,9
Gana	320.152	8,6	1.413.315	7,2	Indonésia	308.826	8,1	2.459.687	9,2
Países Baixos	215.646	5,8	1.364.042	7,0	Malásia	481.117	12,6	2.139.234	8,0
Bélgica	198.520	5,4	1.192.453	6,1	França	178.499	4,7	1.846.230	6,9
Camarões	238.869	6,5	1.169.789	6,0	Gana	174.030	4,6	1.048.253	3,9
Peru	102.771	2,8	795.692	4,1	Singapura	98.661	2,6	733.685	2,7
Malásia	114.270	3,1	707.066	3,6	Espanha	110.809	2,9	604.849	2,3
República Dominicana	61.805	1,7	431.730	2,2	Camarões	83.185	2,2	559.695	2,1
Demais	615.245	16,6	3.234.775	16,6	Demais	588.351	15,4	4.240.390	15,8
Mundo	3.702.682	100,0	19.494.900	100,0	Mundo	3.810.134	100,0	26.858.656	100,0
União Europeia	436.456	11,8	2.709.850	13,9	União Europeia	1.658.671	43,5	13.926.711	51,9

Fonte: FAO (2026).

Tabela 2 – Maiores importadores mundiais de cacau e seus produtos em 2024

Países	Amêndoas				Países	Produtos do cacau			
	Ton.	%	1000 US\$	%		Ton.	%	1000 US\$	%
Países Baixos	898.771	22,9	2.399.167	21,5	EUA	361.754	10,7	1.520.503	10,9
Malásia	533.013	13,6	1.492.583	13,4	Alemanha	327.185	9,7	1.469.792	10,6
Alemanha	435.293	11,1	1.340.034	12,0	Países Baixos	334.819	9,9	1.265.620	9,1
Bélgica	325.919	8,3	976.874	8,7	Bélgica	244.112	7,2	1.082.440	7,8
EUA	269.073	6,9	804.139	7,2	França	222.774	6,6	923.495	6,6
Indonésia	276.683	7,1	732.283	6,6	Polónia	135.524	4,0	651.696	4,7
França	147.057	3,8	476.851	4,3	Itália	128.931	3,8	587.759	4,2
Canadá	125.999	3,2	359.151	3,2	Reino Unido	94.113	2,8	456.776	3,3
Itália	101.266	2,6	320.016	2,9	China	109.190	3,2	400.495	2,9
Turquia	120.517	3,1	315.098	2,8	Espanha	116.745	3,5	373.256	2,7
Demais	687.303	17,5	1.960.840	17,5	Demais	1.296.462	38,5	5.158.688	37,1
Mundo	3.920.895	100,0	11.177.036	100,0	Mundo	3.371.610	100,0	13.890.520	100,0
União Europeia	2.113.904	53,9	6.110.220	54,7	União Europeia	1.678.905	49,8	7.093.500	51,1

Fonte: FAO (2026).

2 Cenário Brasileiro para Produção de Cacau

O Brasil já foi um dos maiores produtores de cacau do mundo. No início da década de 1980, respondia por aproximadamente 20% da produção global. Entretanto, a partir de meados dessa década, a disseminação da doença vassoura-de-bruxa devastou as plantações, especialmente no estado da Bahia. Como consequência, a produção nacional entrou em declínio, em contraste com o contínuo crescimento da produção mundial. Assim, desde o início da década de 1990, a participação do Brasil no mercado global reduziu-se significativamente e, apesar dos esforços empreendidos ao longo dos anos, a recuperação da produção vem ocorrendo de forma gradual.

O cacau no Brasil é produzido predominantemente por pequenos agricultores. Segundo o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), 80% dos estabelecimentos são familiares. Embora quase 70% da área cultivada esteja na Bahia, o Pará, com 26,6% do plantio no país, é o maior produtor, tendo sido responsável por 46,2% da produção brasileira em 2024. Esse desempenho está diretamente relaciona-

do à produtividade, enquanto no Pará o rendimento médio foi de 841 kg/hectare, favorecido por solos férteis e materiais genéticos superiores, na Bahia foi de apenas 319 kg/ha (Tabelas 3). A menor produtividade baiana decorre, em grande medida, do impacto duradouro da doença “vassoura de bruxa”, que reduziu a densidade de plantas por hectare. Também contribuem para esse cenário, a ocorrência de secas periódicas, o manejo inadequado das lavouras, a idade elevada das plantas e os solos empobrecidos, resultante de longos períodos de exploração sem a adequada reposição dos nutrientes.

O Plano Inova Cacau 2030, elaborado pelo Mapa/Ceplac, em parceria com a iniciativa privada representada pelo CocoaAction Brasil¹, prevê a revitalização de 100 mil hectares de área produtora e expandir, em pelo menos 120 mil hectares as lavouras cacaueiras no país até 2030 (Brasil, 2023). Trata-se de uma meta bastante desafiadora diante dos diversos desafios, tais como, os riscos associados ao agravamento de eventos climáticos extremos, como enchentes, secas e ondas de calor, bem como a ameaça de disseminação da monilíase². Embora a doença ainda não tenha atingido o Pará e Bahia, sua elevada capacidade de propagação representa um risco fitossanitário relevante para a cacauicultura brasileira.

Tabela 3 – Área destinada à colheita, rendimento, produção e valor de produção do cacau no Brasil em 2024

Regiões/UF	Área		Rendimento kg/ha	Produção		Valor	
	mil ha.	%		Toneladas	%	Milhões R\$	%
Norte	173.184	28,0	860	147.900	49,7	8.184.556	53,6
Rondônia	6.886	1,1	1.269	8.716	2,9	408.600	2,7
Pará	164.620	26,6	841	137.455	46,2	7.716.788	50,6
Nordeste	429.066	69,4	320	137.184	46,11	6.526.166	42,8
Bahia	428.998	69,4	319	137.028	46,06	6.518.915	42,7
Ceará	64	0,0	2.403	149	0,1	7.208	0,0
Sudeste	15.925	2,6	771	12.273	4,1	548.004	3,6
Espírito Santo	15.784	2,6	771	12.166	4,1	543.076	3,6
Minas Gerais	141	0,0	759	107	0,0	4.928	0,0
Centro-Oeste	229	0,0	664	152	0,1	5.773	0,0
Mato Grosso	229	0,0	664	152	0,1	5.773	0,0
Brasil	618.404	100,0	482	297.509	100,0	15.264.498	100,0

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2026).

3 Produção de Cacau na Área de Atuação do BNB

Em 2024, a área destinada à colheita de cacau na área de atuação do BNB manteve-se praticamente estável em relação a 2023 (**Tabela 4**), registrando crescimento de apenas 0,7%. Essa expansão modesta não foi suficiente para compensar a menor produtividade (-0,3%), assim, a produção caiu 1,2%. Apesar disso, a forte valorização do cacau elevou significativamente a receita do setor, fazendo com que o valor da produção aumentasse 178% em comparação com 2023.

A Bahia concentra 96,6% da área cultivada com cacau na área de atuação do Banco do Nordeste (BNB). Essa área localiza-se principalmente no sul do estado, onde predomina o cultivo no sistema cabruca³, presente em aproximadamente 78% dos estabelecimentos rurais da região, sendo a produção de cacau a principal atividade agrícola da maioria desses estabelecimentos (Chiapetti, et al., 2020).

A cabruca promove a conservação da biodiversidade da flora e da fauna, contribuindo para a preservação da Mata Atlântica. Entretanto, o sistema atual possui baixa produtividade, atribuída a pequena capacidade produtiva (genética, plantas velhas e baixa densidade de cultivo), baixo investimento em nutrição e insuficiência de luminosidade. Adicionalmente, esse sistema dificulta a mecanização, sendo mais dependente de mão de obra quando comparada às áreas de monocultivo.

¹ Iniciativa da Fundação Mundial do Cacau, presente no Brasil desde 2018, tem como objetivo integrar os diversos elos da cadeia produtiva do cacau, com vistas a promover o desenvolvimento sustentável do setor.

² Diferentemente da vassoura-de-bruxa, que frequentemente permite o aproveitamento das amêndoas, a monilíase compromete diretamente os frutos, causando severas perdas na produção.

³ Sistema onde se cultiva o cacau sob o dossel de árvores nativas da Mata Atlântica.

Na área de atuação do BNB, além da Bahia, apenas o Espírito Santo possui produção de cacau relevante. Em 2024, os municípios capixabas atendidos pelo BNB detinham apenas 3,4% da área cultivada com cacau na região, mas contribuíam com 7,9% da produção total. Esse desempenho decorre da maior produtividade dos cultivos do estado em comparação com a observada no sul da Bahia (Tabela 4).

Tabela 4 – Área destinada à colheita, rendimento, produção e valor de produção do cacau na área de atuação do BNB em 2023 e 2024

Regiões/UF	Área (hectares)		Rendimento Kg/ha		Produção (toneladas)		Valor da produção	
	2023	2024	2023	2024	2023	2024	2023	2024
Nordeste	425.902	429.066	326	320	139.020	137.184	2.356.551	6.526.166
Ceará	7	64	1.286	2.403	9	149	181	7.208
Bahia	425.895	428.998	326	319	139.011	137.028	2.356.369	6.518.915
Minas Gerais*	136	136	916	923	124	101	2.025	4.658
Espírito Santo*	14.848	14.972	841	833	11.716	11.697	178.475	521.859
Área de atuação do BNB	440.886	444.174	694	692	150.860	148.982	2.537.051	7.052.683

Fonte: PAM - Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2026).

3.1 Expansão do cultivo do cacau para biomas não tradicionais

A Ceplac⁴ tem apoiado, por meio de parcerias, a expansão da cacauicultura para biomas não tradicionais em estados como Roraima, Amapá, São Paulo, Ceará, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Tocantins e Mato Grosso (MAPA, 2022a). Pesquisas com cacau conduzidas pela CEPLAC/CEPEC e pela Unimontes⁵ no bioma Caatinga, abrangendo áreas da Bahia, do Ceará e do Norte de Minas Gerais, têm apresentado resultados promissores.

O cultivo do cacau em áreas não tradicionais no Brasil tem adotado, em geral, sistemas de produção mais intensivos, com o emprego de maior nível tecnológico, com práticas que incluem: irrigação, manejo adequado da nutrição de plantas e dos solos, controle fitossanitário, mecanização, maior densidade de plantio, bem como o uso de material genético superior e de mudas de boa qualidade.

No Semiárido brasileiro, o cacau representa uma alternativa para a diversificação dos cultivos irrigados, especialmente quando realizado em consórcio com outras culturas, como a bananeira e o coqueiro. O clima seco da região contribui para o controle fitossanitário natural, configurando uma zona de escape para doenças fúngicas e favorecendo a secagem das amêndoas. Além disso, os produtores das áreas irrigadas geralmente possuem maior capacidade de investimento e maior propensão à adoção de inovações.

Já o Cerrado dispõe de extensas áreas planas adequadas à mecanização, disponibilidade hídrica para irrigação e solos profundos, condições favoráveis ao sistema de cultivo intensivo.

Entretanto, ainda existem muitos desafios para o estabelecimento da cultura em áreas não tradicionais. O processo de desenvolvimento de tecnologias para o cultivo do cacau nessas áreas ainda está em curso, exigindo o desenvolvimento de variedades adaptadas a cada região, há limitações relacionadas à oferta de assistência técnica e de mão de obra qualificada, os custos com mecanização agrícola, irrigação e fertirrigação são elevados e a disponibilidade de mudas é baixa. Soma-se a esses fatores a necessidade de estruturação de redes de compras das amêndoas.

No Extremo Oeste Baiano, a área cultivada com cacau saiu de 64 hectares, em 2023, para 428 hectares, em 2024, tornando-se a mesorregião de maior expansão da cacauicultura no estado. A região dispõe de produtores de mudas, boa capacidade de organização da cadeia e elevado nível técnico dos agentes envolvidos na atividade. Em 2024, a produtividade média alcançada na região foi de 1.486 kg/ha.

No Ceará, as pesquisas com espécies frutíferas de climas temperado e tropical foram iniciadas pela Embrapa, em 2009, em parceria com a Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece), com o BNB e a União dos Agronegócios no Vale do Jaguaribe (Univale), as quais tiveram por objetivos introduzir e avaliar o desempenho agrônomo e a qualidade dos produtos dessas espécies, em função da competitividade econômica e do potencial de inclusão social, preservação ambiental, geração de renda e agregação de valor à produção.

4 Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.
5 Universidade Estadual de Montes Claros.

Em 2022, a Ceplac/Mapa publicou nota técnica com o objetivo de apresentar ao BNB, os clones de cacau que tiveram os melhores desempenhos no Ceará e que podem ser financiados em novos projetos de implantação da cultura no Estado (Mapa, 2022b). Cabe destacar que a nota técnica da Ceplac reconhece a viabilidade técnica do cultivo do cacau no Ceará, exclusivamente, em áreas que apresentem condições edafoclimáticas semelhantes às do perímetro Irrigado Tabuleiro de Russas, onde foram conduzidas as pesquisas que fundamentaram essa recomendação (Sodré, 2017).

Em 2025, a área plantada com cacau no Ceará totalizou 130 hectares, dos quais 67 em produção. Para 2026, estima-se que mais 61 hectares entrem em produção. A pequena área de sequeiro existente em 2024 passou a ser irrigada a partir de 2025. A produtividade média alcançada no perímetro irrigado do Baixo Acaraú, em 2025, foi de 2,3 t/ha e nos municípios do Baixo Jaguaribe especificamente em Quixeré e Russas, a média foi de 1,5 t/ha (IBGE, 2025).

Em Sergipe, a área cultivada com cacau ainda é incipiente e, por isso, não consta das estatísticas oficiais do IBGE. Entretanto, segundo a Emdagro⁶ (2026), a cultura está em expansão no Estado, tendo sido incentivada como uma alternativa ao cultivo da laranja. O Governo de Sergipe tem oferecido suporte técnico aos produtores por meio da Emdagro, que mantém convênio de cooperação técnica com a Ceplac. Entre as ações realizadas estão a distribuição mudas, a implantação de Unidades Demonstrativas e a entrega de kits de irrigação (Emdagro, 2026).

Ainda de acordo com a Emdagro (2026), a cultura ocupou 51 hectares em Sergipe em 2025, distribuídos em oito municípios, com produção total de 16 toneladas. Os plantios são conduzidos em consórcio com diferentes culturas, como banana, mamão e maracujá. Os canais de comercialização estão se estruturando, uma grande empresa do setor já instalou um posto avançado de compra de cacau no sul do estado, ampliando as alternativas de comercialização para os produtores.

Em Alagoas a cultura também está em expansão, os cultivos geralmente são consorciados com coqueiro. De acordo com o IBGE, em 2024 o estado produziu 7 toneladas de cacau. Recentemente foi inaugurada a Cooperativa dos Produtores de Cacau de Alagoas (Coopcacau) e existe uma fábrica de chocolate no município de Matriz do Camaragipe, contribuindo para a agregação de valor à produção local.

No Norte de Minas, os primeiros estudos com a cultura do cacau foram realizados pela Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros) em 2011. Desde então, diversas pesquisas vêm sendo realizadas com o objetivo de gerar tecnologias, adequar o manejo e selecionar genótipos adaptados às condições climáticas da Região. Os resultados obtidos têm sido promissores, com o registro de altas produtividades em cultivos a pleno sol e com o uso de irrigação e das demais tecnologias indicadas pelas pesquisas. Esse desempenho tem estimulado novos investimentos na atividade.

De acordo com levantamento da Emater Minas Gerais, aproximadamente 480 hectares já haviam sido implantados com a cultura na região em 2025. As maiores áreas cultivadas concentram-se nos municípios de Jaíba e Janaúba, onde o cacau é consorciado com outras culturas, principalmente com banana (Emater Minas Gerais, 2025).

4 Cadeia Produtiva

O Brasil destaca-se no cenário mundial do setor produtivo de cacau por reunir todos os elos da cadeia produtiva, desde a produção de amêndoas, moagem até a indústria chocolateira, sendo também um grande consumidor de chocolate.

A produção de cacau no Brasil é bastante pulverizada. De acordo com o IBGE (2017), existem mais de 93 mil propriedades no país. Grande parte das amêndoas produzidas é vendida para intermediários ou para os armazéns, enquanto menor parcela é destinada diretamente à indústria processadora. O produtor de cacau pode ainda optar por processar sua matéria-prima e vender o chocolate diretamente ao consumidor final. Essa prática é conhecida como *tree to bar* (da árvore à barra). Por sua vez, quando os fabricantes de chocolate adquirem a amêndoa e vendem seu produto para o consumidor, a prática denomina-se *bean to bar* (da amêndoa à barra).

⁶ Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe.

A indústria processadora de cacau no Brasil está concentrada na Bahia, e é representada pela AIPC, composta por grandes empresas como Barry Callebaut, Cargill, Olam Food Ingredients e IBC (Indústria Brasileira de Cacau), que respondem por mais de 90% da compra e do processamento de cacau no país, o que lhes dá grande poder de barganha.

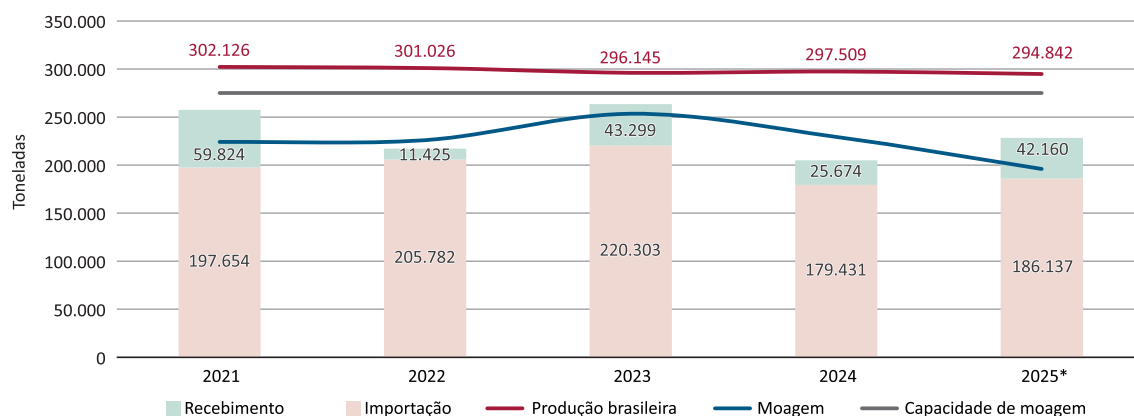
O parque industrial chocolateiro no Brasil concentra-se nas regiões Sudeste e Sul sendo dominado por empresas de capital estrangeiro. Paralelamente existe um número expressivo de fábricas de processamento artesanal na Bahia, Espírito Santo e no Pará. Além, disso, as regiões não tradicionais de cultivo de cacau também começam a desenvolver suas próprias iniciativas de processamento e produção de chocolates artesanais, ampliando as oportunidades de agregação de valor à produção local.

De acordo com a AIPC (2021), a indústria moageira instalada no Brasil possui capacidade para processar 275 mil toneladas de amêndoas de cacau por ano. Entretanto, a média de recebimento de amêndoas no Brasil entre 2021 e 2025 foi de 193 mil toneladas (Gráfico 1).

Em 2024, o recebimento de amêndoas por essas indústrias caiu 18,6% em relação a 2023. Esse desempenho pode estar associado à retração da demanda por cacau e seus produtos, em um contexto de preços elevados. Como resultado, o volume processado também caiu (-9,5%). Em 2025, a demanda por produtos do cacau continuou enfraquecida. Nesse cenário, mesmo como o aumento do volume de recebimento e das importações (3,7% e 64% respectivamente), a moagem caiu 15%.

Observa-se ainda, uma baixa correlação entre a produção brasileira de cacau e o volume de importação de amêndoas (Gráfico 1). Esse comportamento sugere que as importações não são determinadas apenas pela oferta doméstica. Fatores como a demanda por produtos de cacau, os níveis de estoque no mercado nacional, a taxa de câmbio e os preços internacionais das amêndoas também exercem influência significativa sobre o volume importado.

Gráfico 1 – Recebimento, moagem, importação e capacidade de moagem da indústria brasileira de cacau associada a AIPC e produção brasileira de cacau



Fonte: IBGE (2026), Agrostat (2026) e AIPC (2026).

5 Mercado

O mercado de cacau é altamente volátil e sensível a choques externos, como eventos climáticos, ocorrência de problemas fitossanitários e instabilidades políticas nos principais países produtores. A formação dos preços das amêndoas de cacau se dá na Bolsa de Nova York (ICE Futures U.S) e na bolsa de Londres (ICE Futures Europe), que constituem as principais referências para a negociação da commodity no mercado mundial.

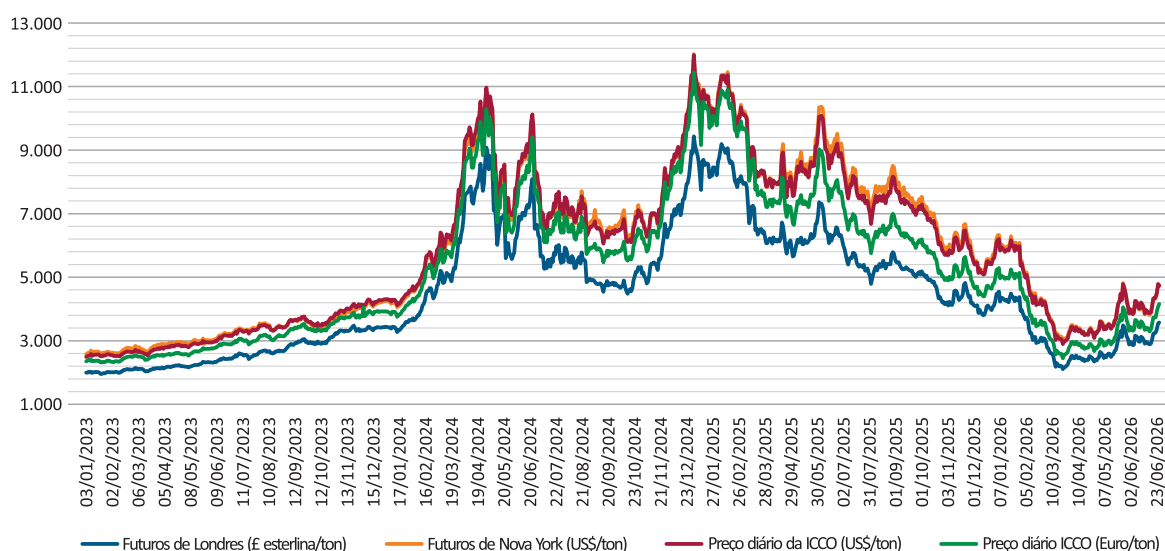
Em 2024, os preços internacionais do cacau registraram forte valorização (Gráfico 2) em decorrência do déficit global do produto. Naquele ano, problemas climáticos causados pelo El Niño, combinados com a incidência de pragas, levaram à quebra de safra na Costa do Marfim e em Gana. O choque do lado da oferta diante da demanda inelástica de preços de curto prazo, resultou em picos de preços e as incertezas quanto à evolução das condições climáticas na África contribuíram para a instabilidade dos preços nos anos seguintes.

Em 2025, as perspectivas de recuperação da safra africana, o aumento dos estoques nos EUA e o enfraquecimento da demanda, causado pelos preços elevados, resultaram em queda das cotações internacionais. Em 2026, entretanto, a trajetória de queda dos preços foi interrompida e voltaram a apresentar tendência de alta diante da elevada probabilidade de ocorrência de El Niño, que possui alto potencial de prejudicar a safra africana.

O preço do cacau no mercado brasileiro apresenta comportamento alinhado ao de Nova York (Gráficos 2 e 3). No entanto, fatores como a cotação do dólar, os custos logísticos e a tributação também influenciam a formação dos preços da amêndoa no país.

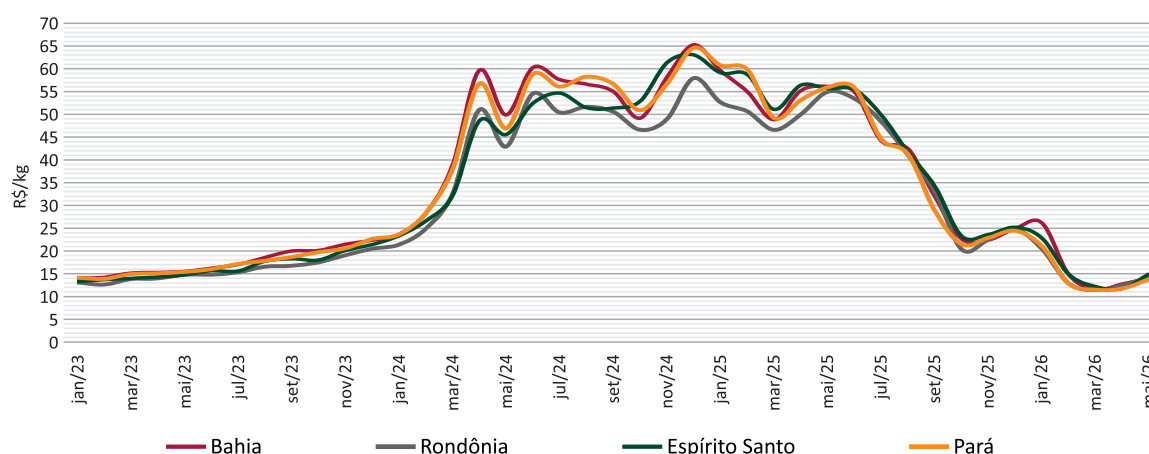
Assim, o preço do cacau recebido pelo produtor no Brasil passou de uma média de R\$21,0/kg no início de 2024 para R\$ 60,0/kg em dezembro do mesmo ano. Em 2025, as cotações recuaram e voltaram a níveis próximos aos observados em 2023. Além da queda nos preços no mercado internacional, o enfraquecimento da demanda por produtos do cacau, decorrente dos elevados preços registrados anteriormente, contribuiu para a redução da moagem. Nesse contexto, os preços domésticos continuaram a cair no início de 2026. Somente a partir de maio observou-se uma recuperação das cotações no mercado brasileiro (Gráfico 3), diante das perspectivas de redução da oferta mundial devido a ocorrência do El Niño.

Gráfico 2 – Preço internacional de grãos de cacau (jan. de 2023 a jun. de 2026)



Fonte: ICCO (2026).

Gráfico 3 – Preço pago ao produtor de cacau no Brasil (jan. de 2023 a mai. de 2026)



Fonte: Conab (2026).

Nota: *Valor deflacionados pelo IGP-DI para mai. 2026.

Os consumidores de cacau e de seus derivados em todo o mundo têm se mostrado cada vez mais exigente quanto à transparência da origem dos produtos, e com as com as práticas sociais e ambientais adotadas na produção. Nesse contexto, observa-se uma demanda crescente por chocolates especiais, com alto teor de cacau, orgânicos, de variedades⁷ e com outras certificações de qualidade e origem. No Brasil, quatro regiões produtoras possuem Indicação Geográfica (IG) para o cacau: o Sul da Bahia, Tomé-Açú, no Pará, Linhares, no Espírito Santo, e Rondônia.

Cabe destacar que o mercado brasileiro de chocolates passou por uma atualização regulatória recente. A Lei 15.404/2026 determina que, para ser comercializado como chocolate, o produto deve conter, no mínimo, 35% de sólidos totais de cacau.

Desde 2019, o Brasil é oficialmente reconhecido pela Organização Internacional do Cacau (ICCO) como exportador de 100% de cacau fino e de aroma (Mapa, 2019). Entretanto, as exportações de cacau inteiro ou partido são baixas, predominando o envio de produtos processados do cacau (Tabela 5).

As exportações brasileiras de amêndoas, embora tenham registrado um crescimento percentual elevado em 2025, são pouco relevantes. Os principais destinos do cacau exportado pelo Brasil em 2025 foram Japão responsável por 53,7% do volume embarcado, os Países Baixos, com 30%, e a Indonésia, com 10,6%.

A Bahia responde por aproximadamente 40% das exportações nacionais de amêndoas cacau. O estado também concentra a maior parte das exportações nacionais de derivados processados, tendo sido responsável, em 2025, por 89% do volume exportado de cacau em pó, 88% de manteiga de cacau e 80% de pasta de cacau. Esse desempenho está diretamente relacionado à concentração das principais indústrias moageiras no estado. Por outro lado, as exportações de chocolate e preparações de alimentícias contendo cacau são concentradas principalmente pelo Sudeste, onde está localizada a indústria chocolateira.

Em 2025, o volume das exportações nordestinas de cacau e de seus produtos aumentou apenas 1,5%. Apesar desse crescimento modesto, o faturamento das exportações avançou 26,5%, refletindo a valorização dos produtos comercializados no mercado internacional. Os principais destinos foram: Argentina, que absorveu 42,3% do volume exportado, os Estados Unidos, com 16,3% e os Países Baixos, com 8,9%.

Com relação às importações brasileiras de cacau e de seus produtos, observou-se, em 2025, aumento tanto do volume quanto do dispêndio com aquisição de amêndoas, manteiga e pasta de cacau (Tabela 6). Essas importações concentram-se principalmente na região Nordeste, onde estão instaladas as principais indústrias moageiras do país. Para os demais produtos do cacau, houve redução das quantidades importadas. No entanto, em razão dos elevados preços internacionais do cacau, houve crescimento no valor das importações de chocolate e preparações de alimentos contendo cacau, enquanto o dispêndio com pó de cacau e desperdícios de cacau caiu menos que proporcionalmente ao volume importado (Tabela 6).

A Costa do Marfim é tradicionalmente a principal origem das amêndoas de cacau importadas pelo Brasil. Em 2025, o país também se destacou como grande fornecedor em termos de volume, atrás apenas do Peru.

Cabe destacar que a importação de cacau em amêndoas pelo Brasil é contemplada pelo regime especial de *drawback*, que permite às empresas fabricantes-exportadoras importar insumos com suspensão ou isenção de tributos, desde que esses itens sejam utilizados na produção de bens destinados à exportação. Encontra-se em tramitação na Câmara dos Deputados a Medida Provisória (MP) nº 1.341/2026, que altera as regras para a importação de cacau por meio do regime. Entre as mudanças propostas está a redução do prazo de vigência das operações de *drawback* para o cacau, de até 24 meses para seis meses. Os efeitos dessa medida sobre o setor ainda são incertos.

Segundo Zugaib (2016), a importação de cacau via *drawback* apresenta como vantagens: a geração de emprego, a formação de *blends* para obtenção de características específicas nos produtos e a continuidade das empresas processadoras no parque moageiro brasileiro. Por outro lado, entre as desvantagens, cita o risco de introdução de pragas e doenças, a redução da arrecadação tributária e a diminuição do prêmio pago pelo cacau no mercado interno.

⁷ Barras de chocolate feitas a partir de uma única espécie de cacau.

Tabela 5 – Exportações nordestinas de cacau e seus produtos

Produtos	2024		2025		Var (%)	
	1.000 US\$	Toneladas	1.000 US\$	Toneladas	US\$	Ton.
Cacau inteiro ou partido	356	75	1.609	160	351,9	113,3
Produtos do cacau	433.978	45.951	548.019	46.567	26,3	1,3
Cacau em pó	111.918	22.759	198.507	26.746	77,4	17,5
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	317	57	246	40	(22,5)	(30,1)
Desperdício do cacau*	298	154	559	131	87,6	(14,9)
Manteiga, gordura e óleo de cacau	272.250	18.255	278.638	14.443	2,3	(20,9)
Pasta de cacau	49.195	4.727	70.069	5.208	42,4	10,2
Total	434.334	46.026	549.629	46.727	26,5	1,5

Fonte: Mapa\Agrostat (2026).

Tabela 6 – Importações nordestina de cacau e seus produtos

Produtos	2024		2025		Var (%)	
	1.000 US\$	Toneladas	1.000 US\$	Toneladas	US\$	Toneladas
Cacau inteiro ou partido	124.758	25.500	421.572	42.144	237,9	65,3
Produtos do cacau	110.351	29.895	195.506	30.774	77,2	2,9
Cacau em pó	27.878	6.298	24.747	3.885	(11,2)	(38,3)
Chocolate e preparações de alimentos contendo cacau	2.679	422	2.906	352	8,4	(16,6)
Desperdício do cacau*	1.101	3.096	960	2.016	(12,8)	(34,9)
Manteiga, gordura e óleo de cacau	7.062	348	17.156	857	142,9	146,4
Pasta de cacau	71.630	19.730	149.738	23.663	109,0	19,9
Total	235.109	55.396	617.079	72.918	162,5	31,6

Fonte: Mapa\Agrostat (2026).

6 Tendências e Perspectivas

A concorrência no mercado mundial tende a se intensificar, especialmente no segmento de produtos de cacau. Nos principais países produtores da África, observa-se um crescente apoio governamental à ampliação das atividades de beneficiamento e processamento, com o objetivo de agregar valor à produção local. Paralelamente, o Equador tem ampliado seus investimentos em tecnologia e inovação na cacauicultura, fortalecendo sua competitividade no mercado global.

Por outro lado, a adaptação da cadeia produtiva brasileira às regulamentações ambientais internacionais, aliada à adoção de técnicas modernas de produção, pode fortalecer a competitividade do Brasil no mercado global de cacau. Contudo, é importante considerar que a implementação, pela União Europeia (UE), do Regulamento de Produtos Livres de Desmatamento (EUDR) pode restringir o acesso de parte dos produtores a esse mercado, especialmente daqueles que não conseguirem atender aos requisitos de rastreabilidade e conformidade ambiental.

Observa-se, em âmbito mundial, uma crescente preferência dos consumidores por chocolates sustentáveis e com elevado teor de cacau. A maior conscientização sobre temas como comércio justo, desmatamento e trabalho infantil na cadeia produtiva do cacau tem levado muitos consumidores, especialmente em economias desenvolvidas, a priorizar marcas que adotam práticas transparentes de produção e abastecimento ético.

Com relação aos preços, há um elevado grau de incerteza, em razão dos possíveis impactos negativos do El Niño sobre a produção mundial de cacau.

No Brasil, estão em curso diversas iniciativas voltadas à revitalização da cacauicultura nas regiões tradicionalmente produtoras e à expansão dos cultivos para novas áreas. A tendência mais forte no momento é de expansão da cultura para áreas não tradicionais, com a adoção de sistemas de produção mais intensivos, que possuem potencial de aumentar rapidamente a produção nacional.

Esse modelo é especialmente atrativo para a diversificação da fruticultura irrigada, uma vez que o cacau pode contribuir para a redução dos riscos de mercado. Diferente de muitas frutas, as amêndoas podem ser armazenadas por períodos mais longos após o processamento, proporcionando maior flexibilidade na comercialização da produção.

Ao mesmo tempo, é necessário direcionar esforços para o fortalecimento dos elos de beneficiamento e processamento da cadeia produtiva, de modo a ampliar a demanda por amêndoas de cacau. O aumento da produção, por si só, não é suficiente para solucionar os problemas de rentabilidade enfrentados pelos produtores. Caso a expansão da oferta não seja acompanhada por um crescimento correspondente da demanda, poderá haver pressão sobre os preços, limitando os ganhos econômicos da atividade e mantendo baixos os níveis de lucratividade dos produtores.

Sumário Executivo

Considerações gerais (cenários econômicos mundial e nacional)	O cenário mundial continua marcado por fortes incertezas comerciais, políticas e climáticas, decorrentes de conflitos armados, da polarização política e da ocorrência de eventos climáticos extremos. A guerra no Oriente Médio continua como fator determinante de risco para os mercados globais. O choque nos preços do petróleo, causado pelo conflito, pressionou a inflação mundial e resultou em queda na atividade econômica. No Brasil, os desdobramentos desse conflito têm influenciado as expectativas econômicas e as projeções para o câmbio, a inflação, a taxa Selic, bem como o desempenho do setor produtivo.
Política cambial	O regime cambial vigente no Brasil é o flutuante. Por sofrer intervenções do Banco Central, é denominado “flutuante sujo”. A escalada das tensões no Oriente Médio gerou volatilidade no mercado de câmbio, refletindo a maior aversão ao risco global.
Ambiente político-regulatório	Não existe regulamentação no que diz respeito ao mercado; o preço das amêndoas de cacau no Brasil tem como base o preço do produto na Bolsa de Nova York. A cotação do dólar, o custo logístico e a tributação também influenciam no preço da amêndoa no mercado interno. A regulamentação do setor é estabelecida pelo Mapa e está relacionada a aspectos sobre fitossanidade, produção de mudas, classificação das amêndoas e zoneamento, com destaque para: • Instrução Normativa 38/2008. Estabelece o Regulamento Técnico da Amêndoa de Cacau, definindo o seu padrão oficial de classificação, com os requisitos de identidade e qualidade, a amostragem, o modo de apresentação e a rotulagem; • Nota Técnica nº 6/2022/CGDPI-CEPLAC/CEPLAC/SDI/MAPA. Recomenda os melhores clones, de acordo com resultados de pesquisa, para fomento da cultura do cacau no Ceará; • Decreto nº 15.180, de 02 de junho de 2014 – Regulamenta a gestão das florestas e das demais formas de vegetação do estado da Bahia, inclusive o sistema de produção cabruca. Vale destacar, ainda, a Câmara Setorial Cacau e Sistemas Florestais que discute periodicamente os principais problemas do setor e o Plano Inova Cacau 2030, elaborado pelo Mapa/Ceplac/CocoaAction Brasil, no qual foram traçadas operações, ações e metas que visam aumentar a eficiência produtiva da cacauicultura brasileira, a renda dos produtores e promover o uso sustentável dos recursos naturais.
Nível de organização - (instituições de pesquisas específicas para setor, associações etc.)	Dentre as instituições que realizam pesquisas com cacau destacam-se: A Ceplac ⁸ a Embrapa e diversas universidades (UESC, abriga o Centro de Inovação do Cacau (CIC) ⁹ , IAC ¹⁰ , UFLA ¹¹ , UFPA ¹² , Unimontes ¹³ , UFES ¹⁴ , dentre outras). Vale nota, também o Centro Mars de Ciência do Cacau, em Barro Preto-BA. Dentre as associações e cooperativas, salientam-se: ANPC - Associação Nacional dos Produtores de Cacau; ACSB - Associação dos Produtores de Cacau Sul da Bahia; Coofasulba - Cooperativa da Agricultura Familiar do Sul da Bahia; Coopercabruca - Cooperativa dos Cacaucultores do Sul da Bahia; COOPFESBA - Cooperativa da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Bacia do Rio Salgado e Adjacências; Coopercacau 1000 - Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Cacau Ltda – Riachão das Neves/BA; Coopcacau - Cooperativa de Produtores de Cacau e Produtos da Floresta do Estado de Alagoas e a AIPC - Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau.
Meio ambiente (Efeito das mudanças climáticas)	Predomina no Brasil o cultivo do cacau em sistemas de SAFs ou cabruca que dão importante contribuição para a preservação da Mata Atlântica no Sul da Bahia e da floresta Amazônica. No contexto das mudanças climáticas, espera-se que condições extremas de seca e ondas de calor se intensifiquem com potencial risco de perdas agrícolas.
Perspectivas (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter, assim, no curto, médio ou longo prazo)	Apesar dos esforços empreendidos, o crescimento da produção de cacau cultivado no sistema de cabruca na Bahia deve ser lento. As perspectivas são de expansão mais rápida da cacauicultura em áreas não tradicionais em diversos estados da área de atuação do BNB em sistemas intensivos de produção, associados à irrigação, mecanização e uso de agroquímicos.

8 Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira;

9 Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus-BA;

10 Instituto Agronômico de Campinas;

11 Universidade Federal de Lavras;

12 Universidade Federal do Pará;

13 Universidade Estadual de Montes Claros;

14 Universidade Federal do Espírito Santo.

Referências

AIPC - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU. **A cadeia de suprimentos do cacau brasileiro**. 2021. Disponível em: <https://aipc.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Folder-AIPC-Cadeia-de-Suprimentos.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2026.

_____. **Estatísticas**. Disponível em: <https://aipc.com.br/#estatisticas>. Acesso em: 29 jun. 2026.

BRASIL. **Plano Inova Cacau 2030: Estratégias para fomentar o desenvolvimento sustentável das regiões produtoras de cacau no Brasil**. MAPA/SDI/CEPLAC. Brasília, DF. 2023. 36p.

CHIAPETTI, J. et al. Panorama da cacaucultura no Território Litoral Sul da Bahia 2015-2019. Instituto Floresta Viva: Ilhéus. BA. 2020. 112p.

COMISSÃO EUROPEIA. **Clareza e previsibilidade para assegurar uma aplicação harmoniosa do Regulamento Desflorestação da UE**. Comunicado de imprensa. 3 de dez. de 2025. Bruxelas. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/ip_25_2939. Acesso em: 12 jun. 2026.

EMATER - EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Emater-MG faz levantamento inédito sobre a safra de cacau em Minas Gerais**. Notícia. 08/10/2025. Disponível em: https://www.emater.mg.gov.br/portal.do/site-noticias/emater-mg-faz-levantamento-inedito-sobre-a-safra-de-cacau-em-minas-gerais-/?flagweb=novosite_pagina_interna_noticia&id=29724. Acesso em: 30 jun. 2026.

EMDAGRO - EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO DE SERGIPE. **Cacau ganha força em Sergipe e consolida nova fronteira agrícola no Estado**. 15 de jan. de 2026. Disponível em: <https://emdagro.se.gov.br/cacau-ganha-forca-em-sergipe-amplia-producao-renda-e-consolida-nova-fronteira-agricola-no-estado>. Acesso em: 22 jun. 2026.

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. **FAOSTAT**. Divisão de estatística. Disponível em: <http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>. Acesso em: 08 mai. 2026.

ICCO - INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.icco.org/statistics/#tab-id-7>. Acesso em: 29 jun. 2026.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2025a. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=27&i=P>. Acesso em: 10 mai. 2026.

_____. 2026. SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO IBGE NO CEARÁ – SES/ C. Reunião de estatísticas agropecuárias do Ceará (REAGRO-CE). **LSPA municipal 2025**. Dez. 2025.

_____. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Censo Agro 2017**. 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>. Acesso em: 03 jun. 2026.

MAG - MINISTERIO DE AGRICULTURA Y GANADERÍA. Trazabilidad. Comercialización y producción sostenible. Ecuador/cadenas productivas. Cacao. Mag. República del Ecuador. Quito. Disponível em: <https://trazabilidad.agricultura.gob.ec/?p=452>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MAPA - MINISTERIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **Cacau do Brasil**. MAPA/SDI/CEPLAC. Brasília, 2022a. 12p. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/publicacoes/outras-publicacoes/cacau-do-brasil-versao-portugues/view>. Acesso em: 27 jun. 2024.

_____. Brasil é reconhecido como país exportador de cacau fino e de aroma. 13/09/2019. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-e-reconhecido-como-pais-exportador-de-cacau-fino-e-de-aroma>. Acesso em: 25 jun. 2026.

_____. **Nota técnica Nº 21/2022. CGPI-CEPLAC/CEPLAC/SDI/MAPA.** 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/publicacoes/outras-publicacoes/nota-tecnica-no-21-2022-cgpi-ceplac-ceplac-sdi-mapa>. Acesso em: 07 ago. 2024.

_____. Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. **Base de dados.** Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 25 jun. 2026.

SANTOS, G.B.M. ET AL. **Cacau fino: conceitos e evolução no Brasil.** MAPA/CEPLAC. 2019. Disponível em: <https://repositorio-dspace.agricultura.gov.br/handle/1/2094>. Acesso em: 15 de jun. 2026.

SODRÉ, G.A. et al. **Cultivo do cacauzeiro no estado do Ceará.** Ilhéus, BA, CEPLAC/CEPEC. Boletim Técnico nº 209. 34p, 2017.

ZUGAIB, A.C.C. A importação e exportação de cacau em amêndoas e derivados contemplados pelo sistema drawback. Ilhéus, BA. **Agrotrópica**, v. 28, n. 3, p. 233-246, 2016.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Ghana Cocoa Beans and Cocoa Products Semi-Annual - The Mid-Crop MY 2024-2025. Accra: Foreign Agricultural Service (FAS), 03 dezembro de 2025. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/gain/2025/12/ghana-ghana-cocoa-beans-and-cocoa-products-semi-annual-mid-crop-my-2024-2025-update>. Acesso em: 12 de jun. 2026.

_____. Cote d'Ivoire Cocoa Beans and Cocoa Products Semi-Annual - Mid-Crop MY 2024-2025. Abidjan, Accra: Foreign Agricultural Service (FAS), 07 janeiro de 2026. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/01/cote-divoire-cote-divoire-cocoa-beans-and-cocoa-products-semi-annual-mid-crop-my-2024-2025>. Acesso em: 12 jun. 2026.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>